

Será que os estudantes aguentam a pedalada?

■ Os estudantes consideram esgotadas as suas capacidades de intervenção e flexibilidade negocial, mas permanecem determinados a continuar com a luta

Depois do IV ENEL: negociações esgotadas?

Rcalizou-se em Dezembro o IV Encontro Nacional de Estudantes de Letras. As conclusões a que chegaram os estudantes constituem um documento longo. A falta de espaço obrigou-nos a reduzir o seu conteúdo, para assinalar apenas os aspectos mais importantes. Apoiamo-nos nas informações de Alda Coimbra, como representante da Comissão Nacional Coordenadora dos Estudantes de Letras (CNCEL).

O ponto discutido com mais calor foi o do mercado de trabalho para os diplomados na área das Ciências Sociais e Humanas — um plano de emergência para o emprego dos jovens licenciados, uma urgente discussão nacional.

Conclusões: os estudantes consideram esgotadas as suas capacidades de intervenção e flexibilidade nego-

cial com a apresentação de duas propostas. A primeira pretende o adiamento por um ano da publicação e aplicação do projecto-lei para a efectivação de professores com dois anos de carreira. Com isso os estudantes ganhariam tempo para negociar e para angariar apoios de outras entidades ligadas à formação de professores. Talvez esse conjunto, com maior força, fizesse o Ministério rever a sua posição. Lembre-se que na última reunião do Conselho de Reitores das Universidades Portuguesas (de 14 de Dezembro) foi aprovado por unanimidade um documento dizendo que a implementação do já referido projecto-lei vem pôr em causa a qualidade científica do ensino e considerando que a luta dos estudantes de Letras é justa. A segunda proposta sugere a assinatura de um protocolo adicional

entre o Ministério e as Universidades, Escolas Superiores de Educação e representantes dos estudantes que garanta a inserção na docência, em regime de vínculo, a todos os futuros licenciados profissionalizados (o seu número é bem mais reduzido do que normalmente se pensa, uma vez que a selecção é grande até à profissionalização).

Orientações para o futuro: acompanhar todo o processo de estruturação da reforma educativa em geral; manter viva a energia dos estudantes para a reivindicação de garantias e insistir na

chamada expansão do ensino na esperança que esta permita a absorção de um número significativo de novos profissionalizados sem que lhes seja delegada apenas uma colaboração subsidiária.

Saídas para novas saídas: pede-se ao Estado (como entidade mais apetrechada pa-

ra o fazer) um levantamento de todas as necessidades do sistema e vagas existentes (em museologia, arquivística, bibliotecnia, etc.) para que em breve se possa fazer uma reestruturação que preveja a ocupação futura desses lugares. Paralelamente os estudantes vão tentar

sensibilizar os agentes económicos para a consagração dessas profissões, que até agora não têm qualquer estatuto reconhecido, alertando-os para o facto de que não correspondem a sonhos de estudantes, mas a necessidade reais (e em muitos casos urgentes) do mercado de trabalho.

Estratégias de luta: durante a primeira semana de Janeiro vão realizar-se RGAs em todas as Faculdades e aí será proposta uma concentração nacional estudantil frente ao Ministério

da Educação ou então outras formas de luta a nível nacional. Os estudantes pretendem realizar reuniões de trabalho com várias entidades: Comissão Parlamentar de Educação, Primeiro-Ministro, Presidente da República e Órgãos Autárquicos. ■

Associação Académica
reunir